

OS ESTRANGEIROS NO ALÉM DE SETI I (KV17): visões egípcias sobre o Outro e o seu espaço na *Duat*

Pedro Hugo Canto Núñez¹

RESUMO:

As crenças funerárias egípcias eram plurais, de modo que a noção de Além (ou *Duat*) diferia tanto em tempo quanto de local em que o discurso funerário fora elaborado. O que propomos nesse texto é demonstrar uma parte do estudo dos estrangeiros na Quinta Hora dos *Portões*, que comumente são vistos pela Egíptologia de forma positiva, como se Rê os estivesse protegendo no Além. Entretanto, iniciaremos nesse texto uma defesa pela reinterpretação dessa perspectiva, pois a partir da análise dos elementos textuais e das comparações com outros discursos funerários do período, percebemos que eles eram vistos como inimigos do faraó tanto no Egito terreno quanto na *Duat*. Entenderemos, então, que essa divisão dos *Portões* demonstra uma forma de controle desses grupos étnicos em relação aos egípcios.

PALAVRAS-CHAVE: Egito Antigo; Reino Novo; Espaço Funerário; Quinta Hora dos *Portões*; Tumba de Seti I (KV17).

THE FOREIGNERS IN THE BEYOND OF SETI I (KV17): Egyptian views on
the Other and their space in the *Duat*

ABSTRACT:

Egyptian funerary beliefs were diverse, and the concept of the Afterlife (or *Duat*) varied over time and across the contexts in which funerary discourse was developed. This study examines the depiction of foreigners in the Fifth Hour of the *Gates*, who are often interpreted by Egyptologists in a positive view, as if Re were offering them protection in the Afterlife. However, this paper seeks to challenge and reinterpret this perspective. Through an analysis of textual elements and comparisons with other funerary discourses from the period, we argue that these foreigners were perceived as enemies of the pharaoh, both in terrestrial Egypt and in the *Duat*. Consequently, we propose that the division within the *Gates* reflects a mechanism of control over these ethnic groups in relation to the Egyptians.

¹ Doutorando em História (PPGH-UFRN). Membro do MAAT – Grupo de Estudos de História Antiga. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5089300600029381>. Bolsista Capes. E-mail: canto_nunez@hotmail.com.

KEYWORDS: Ancient Egypt; New Kingdom; Funerary Space; Fifth Hour of the *Gates*; Tomb of Seti I (KV17).

Introdução

No senso comum, tendemos a ver as crenças funerárias egípcias como algo estático ou com poucas alterações ao longo da história que conhecemos como Egito Antigo, com estudiosos ainda utilizando de ideias como “cânone” ou “liturgias funerárias”, analisando fontes sem uma preocupação com as suas particularidades. Na verdade, a antiga sociedade egípcia tinha crenças plurais. Se pensarmos no âmbito funerário, vemos que a noção de Além (comumente chamado de *Duat*) diferia tanto temporalmente quanto de local em que o discurso funerário fora elaborado. A *Duat* possuía diversas formas, funções e divisões internas, evidenciadas a partir dos diferentes tipos de documentos.

Partindo da prerrogativa de que algumas visões a respeito das crenças funerárias egípcias permanecem as mesmas de 50 anos atrás, o que tentaremos nesse estudo é apresentar uma perspectiva atualizada sobre o assunto. Não estamos dizendo que esses estudos estão errados, mas, conforme defende Rune Nyord (2018; 2019), é necessário revisitarmos atualmente os textos funerários dentro da Egíptologia, uma vez que muitas das interpretações dessas fontes são respaldadas em traduções que utilizaram preceitos de antes da década de 1980 e de toda a reformulação na academia que a Virada Cultural iniciou.

Ao traduzirmos as inscrições da tumba de Seti I (segundo faraó da XIX Dinastia, cujo tumba está no Vale dos Reis, em Tebas) e compreendendo as suas materialidades, nos deparamos com um questionamento para reflexão nos *Portões*, um texto funerário que narra a jornada solar na *Duat* e está subdividido em 12 horas, aparecendo pela primeira vez no Reino Novo como um discurso funerário real. Na Quinta Hora, percebemos uma composição tanto textual quanto iconográfica que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

evidencia estrangeiros no Além e, em um primeiro momento, tivemos uma impressão um tanto quanto diferente da Egiptologia “atual”.

Talvez, essa visão diferente seja fruto da nossa linha teórica-metodológica, que tende a compreender o Espaço Funerário egípcio de forma holística, analisando em conjunto a estrutura, as imagens e os textos. Não pretendemos nos aprofundar nas especificidades teóricas, mas é importante salientar que utilizamos a Teoria do Engajamento Material, uma derivação da Arqueologia Cognitiva de Lambros Malafouris (2013) que possui um *nexus* baseado em três partes. A primeira é a compreensão da mente não como um processo internalista do sistema cognitivo, mas, sim, como algo que existe em associação com o corpo e as suas ações, interpretando as coisas como consubstanciais, contínuas e partes coextensivas da mente estendida. A segunda é o signo enativo, que aperfeiçoa a interpretação semiótica a partir do entendimento que as coisas são como signos materiais que geram algo. A terceira e última parte da TEM é a agência material, que entende as coisas como um agente eficaz no pensamento e ação humana, feito e utilizado para essa função.

Entre conceitos e teorias: a preocupação inicial do historiador-egiptólogo

O “*Portões*” é um texto estudado na Egiptologia desde as visitas de Jean-François Champollion às tumbas do Vale dos Reis, quando publicou alguns trechos do texto em suas Cartas escritas do Egito e da Núbia (“*Lettres écrites d’Égypte et de Nubie*”, de 26 maio 1829). Gaston Maspero, em 1893, foi o primeiro a chamar de *Livro dos Portões*, antes conhecido como *Livro do Inferno* (*Livre d’enfer*) ou *Livro de Hades* (*Book of Hades*), que tinha ampla divulgação por Eugène M. Lefébure na década de 1880, nas publicações das Memórias Publicadas pelos Membros da Missão Arqueológica Francesa do Cairo (*MME*), mais necessariamente o Tomo III do *Os Hipogeos Reais de Tebas*. Em nosso caso, chamaremos simplesmente de *Portões*, abolindo o uso da palavra “livro”, pois essa pressupõe uma organização que não existiu e pode atrapalhar a interpretação ou leitura de pessoas de outras áreas que não da Antiguidade.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Um dos temas principais que moveram esses estudos parece ter sido a aparição dessas quatro etnias (ou quatro “raças”, conforme chamam alguns egiptólogos)². Erik Hornung, um dos primeiros que traduziu o texto em consideração às distintas versões e seus hieróglifos, comenta que as quatro etnias estão no Além, sem apresentar uma ameaça para Rê (Hornung, 1980, p. 137). Para isso, Hornung (1980, p. 136-137) levanta a hipótese que, de acordo com o Hino a Áton, do período de Akhenaton (c. 1353-1335 A.E.C.), o deus cuida de todos os seus povos a partir da chuva do “Nilo do céu”, alegando que

os contatos mais intensos do Egito com países estrangeiros no Reino Novo e a adoção de modos de vida e cultura principalmente do Oriente Próximo abriram o caminho para uma atitude mais positiva em relação aos textos que retratam os estrangeiros como miseráveis e hostis, possibilitando as ideias “cosmopolitas” formuladas no Hino a Aton. [tradução nossa] (Hornung, 1980, p. 137)³

Na mesma perspectiva que Hornung, Silvia Zago (2022, p. 215), interpreta que as quatro “raças”, conforme a autora usa, estavam no Além protegidos por Rê, que cuidava dos mortos sem excluir ninguém⁴. No entanto, acreditamos que existia uma outra intenção para esse discurso funerário real e que a leitura detalhada dos seus elementos espaciais, iconográficos e textuais podem nos fornecer uma nova perspectiva (com um significado mais profundo) para a antiquada “eles estão no Além”. Argumentamos aqui que um documento como o Hino a Áton, que tem um

² Vemos em textos recentes como o de Silvia Zago (2022, p. 215) utilizando o termo “raça” para referir-se aos egípcios, asiáticos, núbios e líbios que aparecem nesse texto. No entanto, ao longo de nossos estudos, utilizaremos o conceito de “etnia” para tratar desses quatro grupos, compreendendo todas as complexidades atribuídas ao termo, conforme apontado por Heidi Saleh (2007, p. 10), mas atentando-nos ao nível médio (regional) e macro (estatal) da escala utilizada pela autora, a partir de Fredrik Barth (1994). Não entraremos em um debate conceitual pelos limites da nossa fonte, mas a leitura da Quinta Hora dos *Portões* nos indica uma visão egípcia dos povos asiáticos (sírios), núbios e líbios, com suas próprias vestimentas, peles, adereços, nomenclaturas e adjetivos.

³ No original: *Die intensiveren Kontakte Ägyptens mit dem Ausland im Neuen Reich, die Übernahme vor allem vorderasiatischer Lebens- und Kulturformen hatte Bahn gebrochen für eine positivere Einstellung gegenüber den "elenden" und feindlichen Fremden und solche "kosmopolitischen" Gedanken, wie sie der Atonhymnus formuliert, möglich gemacht* (Hornung, 1980, p. 137).

⁴ No original: *The opening of the lower register (scene 30) features the well-known representation of the four races of human-kind (Egyptians, Asiatics, Nubians, and Libyans), which stand for the all-encompassing protection of the solar deity, who cares for the deceased in the next world, no one excluded* (Zago, 2022, p. 215).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

propósito específico de demonstrar a abrangência do poder desta divindade, não pode ser o único documento a ser levado em consideração para uma visão positiva em relação aos estrangeiros. Além disso, a confecção dos *Portões* é posterior ao período amarniano e estamos tratando de um discurso funerário real, não de hinos.

Se nos restringirmos ao próprio discurso funerário, Hornung mesmo demonstra que, na Quinta Hora do *Livro da Noite* “os povos estrangeiros são mostrados ajoelhados e amarrados ao lado dos egípcios em pé (*rmtw*); Hórus os chama de ‘rebeldes’ *sbjw*, atribuindo-lhes assim o papel normal de inimigos, que desempenham nas inscrições reais” (Hornung, 1980, p. 137)⁵. Claro, essa divisão do *Livro da Noite* é posterior aos *Portões*, mas o início da sua produção data do período de Seti I, justamente quando vemos pela primeira vez a versão completa da Quinta Hora dos *Portões*. Mas, o que nos diz necessariamente a fonte?

Por uma releitura dos estrangeiros da Quinta Hora dos *Portões*

A Quinta Hora, Figura 1, apresenta um espaço de cultivo de oferendas, com terras agrícolas (*3ht*) e o Campo de Juncos (*šht-ḫrw*), ideias complementares, mas, também, um espaço de ocultação, com cavernas secretas empossadas⁶ (*qrrwt št3 hrt*) e o Local da Destruição (*htmyt*), indicando um preparo para o que é comumente visto como a sequência dessa divisão, a cena de julgamento de Osíris. Existem duas versões da Quinta Hora na KV17 e focaremos a leitura na versão superior da tumba de Seti I (KV17) por ser a primeira que aparece completa na parede de uma tumba⁷. Além

⁵ No original: *Aber dort sind die Fremdvölker, neben den stehenden Ägyptern (rmtw), kniend und gebunden dargestellt; Horus redet sie als sbjw "Rebellen" an und weist ihnen damit ihre normale Rolle als Feinde zu, die sie in den königlichen Inschriften spielen* (Hornung, 1980, p. 137).

⁶ Utilizamos o prefixo “em” na palavra “posse” para a ideia de que as divindades existem dentro das cavernas a partir do ato de tomar posse da caverna para si.

⁷ A versão da parte inferior aparece deteriorada no final do terceiro registro e incompleta, como uma versão resumida do texto.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

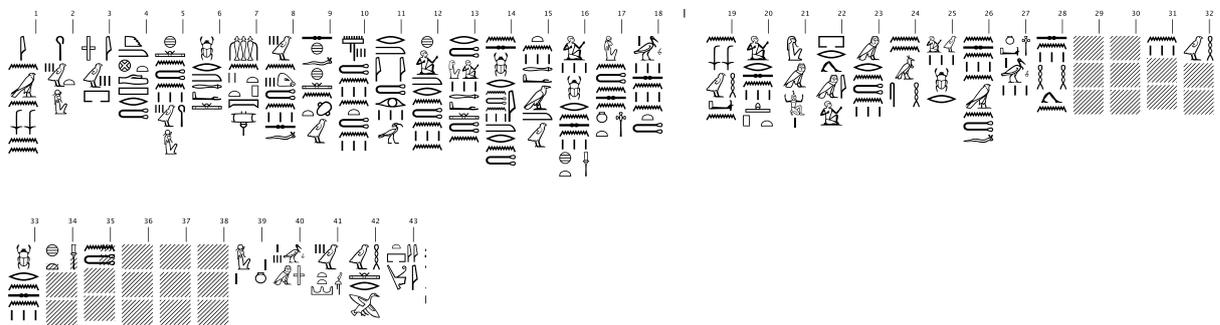
disso, pelo tempo desta apresentação, analisaremos apenas as colunas 1 a 43, que é o primeiro momento do texto, a fala de Hórus, destacada na parte inferior da Figura 1.

Figura 1: A Quinta Hora dos *Portões* (versão superior da tumba de Seti I).



Fonte: imagem disponibilizada pelo *Factum.Arte*.

Lemos, nessas colunas, de egípcio para o português (tradução nossa):



1 | in hrw n nn ny | 2 | wt r^cw | 3 | imyw dw3t | 4 | kmt dšrt | 5 | (3)h n.tn | 6 | wt r^cw | 7 | hpr m 3 | 8 | hnty pt t3w | 9 | n fndw.tn
 snf- | 9 | hfl n wtw | 10 | .tn nttn | 11 | rmyt 3h(t) | 12 | .i m rn.tn n | 13 | rmtw 3.tn | 14 | n shpr in.tn m rn.tn | 15 | n 3mw | 16 | hpr
 n.sn shmt | 17 | nts ndt | 18 | b3w.sn ntt- | 19 | n nn hwy n | 20 | .i r.sn htp | 21 | m hh | 22 | pri im.i | 23 | m rn.tn | 24 | nn nhsy- | 25 | w hpr
 26 | n.sn n hrw ntf | 27 | nd b3w | 28 | .sn hhyn | 29 | [...] | 30 | [...] | 31 | n [...] [tm-] | 32 | hw [...] | 33 | hpr n.sn | 34 | shmt | 35 | nt[s] [...] | 36
 [...] | 37 | [...] | 38 | [...] | 39 | nw | 40 | b3w imy- | 41 | w imntt | 42 | wd w r htm- | 43 | yt

1 | Por Hórus para estes do 2 | rebanho (de) Rê 3 | que estão na *Duat*, 4 | *Kemet*, *Desheret*: 5 | “Efetividade para
 vocês, rebanho (de) Rê, 6 | surjam no Grande, 7 | que está em frente ao firmamento. Respiração 8 | para
 teus narizes, liber- 9 | dade para os enfaixamentos 10 | de vocês. Vocês são 11 | as lágrimas (do) olho (divino)
 12 | meu no nome de vocês de 13 | egípcios. Grande vocês 14 | para o criador. Por vocês no nome de vocês

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

¹⁵ | de Asiáticos (Sírios). ¹⁶ | Surja para eles, Sekhmet, ¹⁷ | ela protege ¹⁸ | os Bau deles. São e- ¹⁹ | les esses batidos por ²⁰ | mim para eles. Alegrei ²¹ | (-me) no milhão ²² | (que) saiu de mim ²³ | no nome de vocês ²⁴ | de Núbios. ²⁵ | Surjam ²⁶ | para eles de Hórus, ele ²⁷ | protege os Bau ²⁸ | deles. Procurei ²⁹ | [...] ³⁰ | [...] ³¹ | [...] [Lí-] ³² | bios [...] ³³ | Surja para eles, ³⁴ | Sekhmet, ³⁵ | ela [...] ³⁶ | [...] ³⁷ | [...] ³⁸ | [...] ³⁹ | [...] ⁴⁰ | dos ⁴¹ | Bau que estão ⁴² | no Ocidente, ⁴³ | ordenados para o lugar da destrui- ⁴⁴ | ção.

Aqui temos a evidência dos estrangeiros no Além, nomeados como asiáticos (sírios), núbios e líbios, na fala de Hórus, que é direcionada para o rebanho de Rê (^cwt r^cw), um grupo diverso que está sob comando da divindade. Os integrantes do rebanho de Rê são aqueles que estão na *Duat*, *Kemet*, *Desheret* (*imyw dw3t kmt dšrt*). A palavra *imyw* é um nisba de preposição (Allen, 2010, p. 91), que indica uma localização espacial, como “aquilo que está” ou “aquilo que pertence” em algum lugar ou coisa, e, nesse caso, não seria diferente.

Contudo, aparecem três espaços após esse nisba que, em teoria, são distintos: *Duat*, normalmente traduzida por “Além”; *Kemet*, associada ao “Egito”; e *Desheret*, que geralmente aparece como “deserto” ou “terras estrangeiras”. De fato, o nisba pode atender aos três espaços, indicando que o rebanho de Rê estaria tanto na *Duat* quanto em *Kemet* e *Desheret*. Entretanto, Hornung (1980, p. 136) observa que tanto para *Kemet* e *Desheret* os egípcios utilizaram o signo O49 (☉) como classificante, algo incomum para esses nomes⁸. Zago (2022, p. 215) sugere que o uso do O49 seria uma divisão da *Duat* entre uma esfera interna (*kmt*), para os egípcios, e uma externa (*dšrt*), designando um espaço na *Duat* para os estrangeiros e aperfeiçoando o que Hornung (1980, p. 136) observou. Porém, acreditamos que podemos nos aprofundar nessa suposta divisão para entendermos se ela é válida da forma que Zago sugere.

Devemos primeiro comentar sobre a palavra *Duat*. O signo O1 pode ser usado como um classificante genérico de um espaço calculado e fechado. A palavra ^ct (“região” ou “câmara” - )⁹, utilizada para a composição de ^ct *imnt*, que é a

⁸ Na verdade, nesse período vemos que *Kemet* pode aparecer em documentos administrativos com dois signos O49, enquanto *Desheret* aparece apenas com o N25 (.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

“Região Oculta” (o espaço total da *Duat*), apresenta o mesmo classificante. Battiscombe Gunn e T. Eric Peet (1929), ao analisarem papiros matemáticos, indicam que a palavra *ḥt* aparece para designar um espaço retangular fechado, sem um limite claro (Gunn; Peet, 1929, p. 68). Com isso, poderíamos interpretar que o O1 não possui limites claros para a dimensão espacial, podendo ser utilizado tanto na composição de uma grande região quanto um espaço pequeno. Portanto, a palavra *dw3t* nesse trecho da Quinta Hora dos *Portões* pode ser entendida como a totalidade do Além.

As palavras *kmt* e *dšrt*, no entanto, são um pouco mais complexas. Pensando apenas em um senso comum entre os egiptólogos, a palavra *kmt* é normalmente traduzida por “Terra Negra”, ou “Egito”, a primeira fazendo uma ligação com a própria palavra utilizada para a cor “preta”, enquanto a segunda pela associação à cor da terra após a inundação do Nilo e generalizando a aparição disso para todo o espaço que compreendemos hoje como “Egito”. No entanto, podemos nos aprofundar um pouco mais nessa palavra e refletirmos sobre o seu uso. O signo O49 (⊗) foi utilizado para um espaço delimitado específico, diferente do genérico O1, e era comumente associado a cidades ou um lugar habitado (Gardiner, 1957, p. 498).

Concordamos com uma série de egiptólogos, entre eles Alessandra Nibbi (1990; 1992), de que *kmt* não deve ser traduzida simplesmente por “Egito”. Em suas análises do Papiro Harris, mais especificamente o texto da Prancha 75, Nibbi (1990, p. 67-70) observa que, ao narrar os feitos de Ramsés III para o Grande deus enquanto governante dos *rh̥t*, aparece, nas linhas 2 e 3, a frase *wn p3 t3 n kmt ḥ3ᶜ m-rwt* (“Foi essa terra de *Kemet* abandonada fora”). A autora defende, então, que podemos considerar *t3 n kmt* como “terra da Cidade Negra” (“*the land of the Black City*”), talvez uma área controlada pelo estado egípcio (Nibbi, 1990, p. 68), interpretando que o *ḥ3ᶜ m-rwt* (“abandonada fora”) possuiria o sentido de que essa área esteve fora do controle do estado egípcio por rebelião ou por retirada das forças estatais como punição, de modo que é possível ler as passagens que seguem estas linhas, sobre as

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

guerras de Ramsés III com os asiáticos e líbios⁹, como o detalhe da situação geral estabelecida nas linhas de abertura da seção, restringindo que esses eventos ocorreram apenas no Delta do Egito (Nibbi, 1990, p. 69).

Assumindo que essa *t3 n kmt* seria uma parte do Delta do Egito, a autora contrasta *kmt* com a palavra *dšrt*, acreditando ser possível ver as duas terras não como a dicotomia de “Egito” e “estrangeiro”, mas uma “Terra Negra” como parte do Delta e uma “Terra Vermelha” também no Delta. Nibbi, portanto, parte de evidências dos diferentes tipos de solo no próprio Delta, onde indicativos arqueológicos e geológicos mostram que existia argila vermelha na área de Heliópolis (Nibbi, 1992, p. 9), tentando estabelecer paralelos (epigráficos, arqueológicos e geográficos) se essa cidade ou região poderia ser vista como *dšrt*¹⁰. A sua ideia parece ter pontos consistentes para considerarmos a aplicação dos seus resultados ou, pelo menos, iniciarmos uma discussão que leve em consideração seus apontamentos.

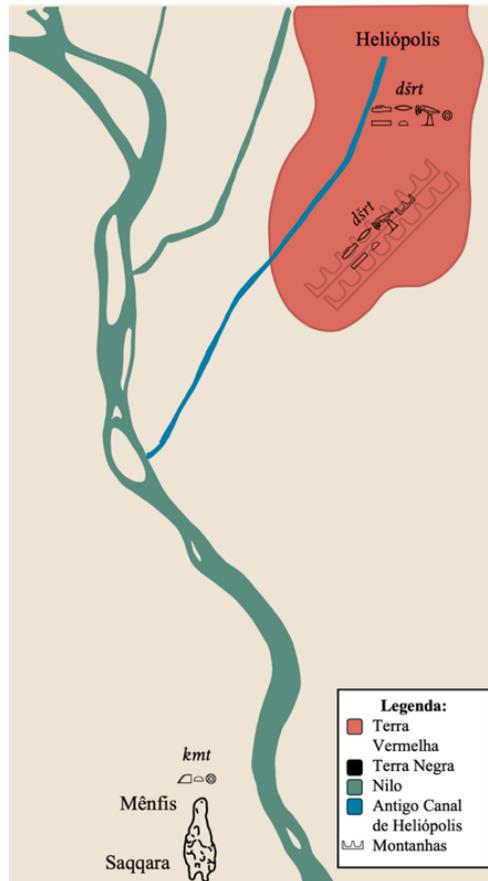
⁹ Para uma leitura aprofundada sobre essas guerras de Ramsés III descritos no Papiro Harris, recomendamos a tese de Arthur Fabrício (2024), especialmente o tópico 3.3 (Fabrício, 2024, p. 258-270).

¹⁰ A palavra *dšrt*, a depender do classificante, pode ser traduzida por O Vermelho (epíteto de Seth), Coroa Vermelha (coroa do Baixo Egito), um grão (cereal), a própria cor vermelha, deserto, raiva ou fúria.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 2: Mapa de Kemet (*kmt*) e Desheret (*dšrt*) para Alessandra Nibbi.



Fonte: Adaptado de Alessandra Nibbi (1992, p. 10).

Na Figura 2 temos uma adaptação do mapa que Nibbi construiu com base em seus resultados, no qual vemos Heliópolis e a região ao redor como *dšrt*, e a região de Mênfis e Saqqara, ao Sul, como *kmt*. Embora não concordemos com todas as suas análises, se utilizarmos essa pesquisa como motor para a nossa discussão sobre a aparição dessas duas regiões nos *Portões* podemos alcançar resultados relevantes. A palavra *dšrt* estar após *kmt* e ambas estarem após *dw3t* pode ser um indicativo de importância na listagem. A *Duat* seria, claro, o espaço maior, pelo seu classificante O1 e por ser sempre recorrente no discurso funerário do período.

Entretanto, mesmo que haja uma preferência por *Kemet* aparecer primeiro no texto que *Desheret*, não concordamos com Zago (2022, p. 215) de que seriam uma

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

esfera interna e externa da *Duat*, respectivamente. O discurso funerário egípcio que separa a *Duat* em esferas, de acordo com o *Livro de Nut*, aparece no Osireion, e os desdobramentos posteriores entre o *Livro do Dia* e o *Livro da Noite*, conforme observa Marcus Müller-Roth (2008, p. 491-498), coloca o Egito como o centro das quatro etnias. Entretanto, como Zago (2021) mesmo observa, a forma iconográfica dessa divisão só aparece no Período Tardio (c. 712-332 A.E.C.), de modo que pensar nisso para esse trecho da Quinta Hora dos *Portões* seria algo um tanto quanto anacrônico por causa do longo período entre o texto que estamos trabalhando e a divisão iconográfica dos povos. Acreditamos, assim, que tanto *Kemet* quanto *Desheret* são “simples” divisões da Quinta Hora dos *Portões*, fazendo parte das terras agrícolas e férteis da divisão: uma Terra Negra e uma Terra Vermelha.

Voltando para a fala de Hórus, vemos ele concedendo efetividade para o rebanho de Rê, ordenando que eles surjam no Grande, que está em frente ao firmamento (*hpr m ʿ3 hnty pt*), um epíteto de Rê. O que vemos após isso pode ser subdividido em quatro partes, conforme a Tabela 1. Hornung (1980, p. 137) comenta que esse discurso de Hórus é dirigido diretamente para os quatro grupos étnicos. Na verdade, vemos que existe uma certa ordem nas palavras ditas e, esquematizando essa fala, temos a tabela, onde separamos três momentos do texto para os estrangeiros e quatro momentos para os egípcios, sendo argumentável esse primeiro momento como parte da fala dirigida para os egípcios.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Tabela 1: esquema das falas para os egípcios e estrangeiros, Quinta Hora dos *Portões*.

Destinatário	Primeiro momento	Segundo momento	Terceiro momento	Quarto momento
 rmtw Egípcios	Respiração para teus narizes, liberdade para os enfaixamentos de vocês.	Vocês são as lágrimas (do) olho (divino) meu	no nome de vocês de egípcios (pessoas/humanos)	Grande vocês para o criador.
 sm3 Asiáticos (sírios)		Por vocês no nome de vocês de Asiáticos (Sírios).	Surja para eles, Sekhmet, ela protege os Bau deles.	São eles esses batidos por mim para eles.
 nhsw Núbios		Alegrei(-me) no milhão (que) saiu de mim	no nome de vocês de Núbios.	Surja para eles, de Hórus, ele protege os Bau deles.
 tmhw Líbios		Procurei [meu olho, surgido de vocês]	[no nome de vocês de] [Lí-]bios	Surja para eles, Sekhmet, ela [protege os Bau deles]

Fonte: tabela elaborada por nós a partir da nossa tradução da Quinta Hora dos *Portões*.

Podemos ver que existem dois motivos textuais presentes em todas as etnias, que são as ações de Hórus (em primeira pessoa) para cada uma, destacado por nós em verde na tabela. Começando pelos “egípcios”, devemos nos questionar sobre como vemos esse termo nas traduções das fontes que temos. Normalmente, ele a palavra *rmtw* é traduzida por “humanidade” ou “pessoas”, mas defendemos aqui que deve ser utilizado o termo “egípcios”, pois esse se aproxima mais do sentido dos antigos egípcios. Podemos revisitar a *Vaca Celeste* como exemplo, uma cosmogonia que apareceu pela primeira vez na tumba de Tutankhamon em partes e pela primeira vez completo na tumba de Seti I. Esse é um discurso funerário real no qual Rê está cansado com as “pessoas” (*rmtw*), que estavam conspirando contra ele e envia Háthor como Sekhmet para matá-los (*sm3 rmtw*). Pensando em uma perspectiva de que os egípcios estariam criando, nessa segunda metade da XVIII Dinastia, um ideal de distinção com os demais povos ao redor deles, poderíamos interpretar que essa

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

cosmogonia não englobaria as demais etnias e seria restrita aos egípcios como o povo que Rê escolheu ensinar como apaziguar Sekhmet.

Os agora entendidos como “egípcios”, foram associados, na Quinta Hora, às lágrimas do olho divino, e podemos encontrar uma justificativa para isso a partir da *Vaca Celeste*, no qual vemos que os egípcios surgiram do olho de Rê (*rmtw ḥprw m irt.i*). As lágrimas (*rmyt*) são o que sai do olho e uma das ações que vemos em referência a isso é o luto da morte. Na *Litania de Rê*, por exemplo, a palavra *rmyt* aparece como uma forma de Rê, geralmente traduzido como “Choroso”, e como um elemento de união do corpo do Enlutado (*i3kby*). Isso nos permite pensar que essas lágrimas saem do olho e podem ser uma metáfora para indicar que os egípcios dos *Portões* estão mortos, criados pelo olho e unificados pelas lágrimas.

Os asiáticos aparecem como aqueles batidos ou golpeados (*ḥwy*) por Hórus. A palavra *ḥwy* (que também pode aparecer por *ḥwt* ou *ḥt*), possui um sentido de “*coup*” (Bonnamy, 2019, p. 408), e “*schlagen*” (Hannig, 2006, p. 1624), que, traduzindo para o português, seria “bater” ou “golpear”. Preferimos a primeira tradução por ter um sentido mais abrangente, sem necessidade de um intermédio, enquanto o segundo parece mais atrelado a um movimento específico ou com uma arma. Então, se os asiáticos são os batidos ou golpeados por Hórus, que é uma divindade associada ao faraó em vida, e isso se repete no Além, um elemento negativo para esses estrangeiros.

Os núbios possuem, antes da apresentação do nome do grupo, a informação de que Hórus se alegrou no milhão que saiu dele (*ḥtp m ḥḥ pri im.i*). A tradução de *ḥtp* por “alegre” foi baseada em Hornung (2014, p. 172), mas o termo também pode significar “repousar” e ambos podem ser conceitos indissociáveis para o antigo egípcio. Esse “milhão” (*ḥḥ*) aparece como pilar *Hebu* na *Vaca Celeste* e, neste texto, após a criação do Campo de Oferendas (*ḥst-ḥtp*) e do Campo de Juncos (*ḥst-i3rw*) no interior de Nut como a vaca celeste, ela começa a tremer muito e Rê faz surgir os pilares *Hebu* para apoiá-la e, conseqüentemente, erguê-la. No primeiro registro da

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Quinta Hora dos *Portões* lemos a criação do Campo de Juncos e, provavelmente, o milhão (pilar) que sai de Rê seja um resgate desse discurso funerário. Assim, não parece existir uma relação direta dessa inscrição com os núbios e, talvez, essa seja uma forma de reafirmar a separação entre os egípcios e os núbios a partir dos limites do firmamento, os pilares que sustentam Nut, o motivo da alegria (ou repouso) de Hórus.

Os líbios possuem suas colunas de texto quase que todas deterioradas na KV17, de modo que precisamos reconstruir a partir da versão do sarcófago de Seti I. Nisso, vemos que o momento antes da apresentação dos líbios está o indicativo de que Hórus procurou o seu olho, surgido “de vocês”. Assim como no caso dos núbios, esse momento não parece ter uma relação direta com os líbios, uma vez que os olhos de Hórus podiam aparecer como um amuleto, evidenciando seu caráter protetor e, no Reino Novo, eram pintados na proa das barcas solares com a função de iluminar o caminho e proteger a barca (Wilkinson, 2011, p. 55).

Reparando nos momentos de invocação de Sekhmet, vemos que ela é invocada para “eles” e protege os Bau “deles”. Entretanto, essa deusa tem o caráter destrutivo inerente, em contraste com o caráter protetor para os Bau, apresentado na fala de Hórus. É possível interpretarmos essa invocação de Sekhmet seja para os grupos (asiáticos, núbios e líbios)¹¹ e os Bau que ela protege são, na verdade, os dos egípcios. Voltando à *Vaca Celeste* e revisando o *rmtw* deste texto como apenas egípcios, temos mais um argumento para que Sekhmet seria feroz com os estrangeiros, pois eles não sabem como apaziguar a divindade como os egípcios. Nessa linha de interpretação, não teríamos uma visão positiva desse Além para os estrangeiros, como Hornung (1980, p. 137) interpreta. Pelo contrário, começamos a perceber que os asiáticos,

¹¹ No caso dos núbios, o nome dela não aparece explicitamente, mas a invocação ainda existe por causa da preposição *n* antes do nome de Hórus (inexistente nas outras invocações), alegando que ela surge dele (da invocação dele).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

núbios e líbios continuam inimigos também na *Duat*, com Sekhmet invocada para auxiliar na destruição deles.

Pensando assim, podemos, finalmente, explicar que separamos, nesse esquema, o primeiro momento da fala de Hórus apenas para o grupo egípcio. Além disso, percebemos que as duas falas pessoais de Hórus para os núbios e os líbios não possuem uma relação direta com os seus grupos étnicos e, sim, com algo egípcio em ambos os casos, o contrário acontece para os asiáticos, com uma fala após a introdução do nome e da divindade. Poderíamos argumentar que esse seria um recurso gramatical egípcio para essa fórmula: a invocação do nome teria primazia no discurso e o que viesse depois seria voltado para ele.

Nesse caso, os momentos iniciais das falas de Hórus para os núbios e líbios seriam voltados para os egípcios e, não, para os estrangeiros, como uma forma de retornar o texto para o principal, que é a relação direta dessas etnias com os egípcios. O início dos textos para os núbios e líbios, como argumentamos, fazem menção aos egípcios, como uma tentativa de retornar o texto a esse grupo e identificando as diferenças entre os estrangeiros e os egípcios, algo que não é necessário para os asiáticos, pelo texto para estes estarem logo após as colunas dos egípcios.

Considerações finais

Sendo assim, estudamos nesse texto sobre o espaço dos estrangeiros em um Espaço Funerário tipicamente do Reino Novo, interpretando o discurso funerário real a partir de seu contexto. Tentamos atualizar uma perspectiva dentro da própria Egiptologia, com uma discussão focada em intertextualidades inerentes ao próprio discurso funerário real do período, escolhendo o debate com um aspecto que era visto como algo positivo há mais de 40 anos: o espaço dos estrangeiros no Além.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Podemos aprofundar a ideia em publicações futuras, com a análise dos elementos iconográficos e espaciais da Quinta Hora dos *Portões*, comparando com outros discursos funerários do período e, também, com as outras divisões do próprio texto. O que observaremos é, por exemplo, que a imagem de Hórus nessa posição, nas demais divisões dos *Portões*, está sempre em confronto com inimigos (ou rebeldes), e, na Quinta Hora do *Livro da Noite*, posterior ao *Portões*, os estrangeiros estão em posição de inimigos (signo A13 - ) em frente aos egípcios.

Mesmo assim, o que analisamos na leitura aprofundada das inscrições nos demonstra que a perspectiva egípcia na construção desse discurso funerário real dos *Portões* é que sempre fosse estabelecido uma alteridade entre os próprios egípcios e os Outros. Esses não estão sob a proteção de Rê, do faraó ou de outras divindades. Pelo contrário, os estrangeiros foram classificados como inimigos, a partir do uso dos adjetivos e disposição do texto, e desconhecedores dos elementos propriamente egípcios, como o apaziguamento de Sekhmet.

REFERÊNCIAS

ALLEN, James. **Middle Egyptian**: an introduction to the language and culture of hieroglyphs. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BARTH, Fredrik. Enduring emerging issues in the analysis of ethnicity. *In*: VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora (org.). **The Anthropology of ethnicity**: beyond 'ethnic groups and boundaries'. Amsterdam: Spinhuis, 1994.

BONNAMY, Yvonne. **Dictionnaire des hiéroglyphes**. Paris: Actes Sud, 2019.

FABRÍCIO, Arthur Rodrigues. **Eu fiz para ti**: os aportes de Ramessés III (1187-1157 AEC) para o desenvolvimento da paisagem memorial tebana no Egito Antigo da XX Dinastia. 2024. 794f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

GARDINER, Alan. **Egyptian Grammar**. Oxford: Griffith Institute, 1957.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

GUNN, Battiscombe; PEET, T. Eric. Four Geometrical Problems from the Moscow Mathematical Papyrus. **The Journal of Egyptian Archaeology**, v. 15, n. 3/4, 1929, p. 167–85.

HANNIG, Rainer. **Ägyptisches Wörterbuch II: Mittleres Reich und Zweite Zwischenzeit**. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 2006.

HORNUNG, Erik; ABT, Theodor. **The Egyptian Book of Gates**. Zurich: Living Human Heritage Publications, 2014.

HORNUNG, Erik. **Das buch von den pforten des jenseits**. v. 2. Genebra: Aegyptiaca Helvetica, 1980.

MALAFOURIS, Lambros. **How things shape the mind: a theory of material engagement**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

MÜLLER-ROTH, Marcus. **Das buch vom tage**. Göttingen: Academic Press, 2008.

NIBBI, Alessandra. A contribution to our understanding of kmt. **Discussions in Egyptology**, 16, p. 63-72, 1990.

NIBBI, Alessandra. The two lands: the black and the red. **Discussions in Egyptology**, 22, p. 9-21, 1992.

NYORD, Rune. “Taking Ancient Egyptian mortuary religion seriously”: why should we, and how could we?. **Journal of Ancient Egyptian Interconnections**, v. 17, p. 73-87, mar. 2018.

NYORD, Rune. Introduction: egyptian and egyptological concepts. *In*: NYORD, Rune. **Concepts in Middle Kingdom funerary culture: proceedings of the Lady Wallis Budge anniversary symposium held at Christ's College**. Leiden: Brill, 2019.

SALEH, Heidi. **Investigatin ethnic and gender identities as expressed on wooden fuerary stealae from the Libyan Period (c. 1069-715 BCE) in Egypt**. Oxford: BAR, 2007.

WILKINSON, Richard. **Cómo leer el arte egipcio: guía de jeroglíficos del Antiguo Egipto**. Barcelona: Editorial Crítica, 2011.

ZAGO, Silvia. A Cosmography of the Unknown. The qbḥw (nṯrw) Region of the Outer Sky in the Book of Nut. **Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale**, n. 102, p. 215-234, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/bifao/10285>. Acesso em: 4 ago. 2024.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ZAGO, Silvia. **A Journey through the beyond:** the development of the concept of Duat and related cosmological notions in Egyptian funerary literature. Columbus: Lockwood Press, 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade